



A paratopia criadora de Jane Austen: discurso feminista ou leitura feminista?

Amanda Aparecida Chieregatti

Profa. Dra. Luciana Salazar Salgado

Processo: 2013/07897-6

Mobilizando o conceito de **paratopia criadora** proposto por Maingueneau (2006), procuramos analisar o funcionamento das três instâncias constitutivas da autoria: *escritor*, *inscritor* e *pessoa* em três obras de Jane Austen: *Razão e Sensibilidade* (1811), *Orgulho e Preconceito* (1813) e *Persuasão* (1818). Buscamos apontar traços que possam ser referidos como pertencentes ao discurso feminista. Sendo o discurso, tão linguístico quanto histórico, estudamos o contexto sócio-histórico em que as obras foram produzidas e observamos o modo como elas circulam contemporaneamente, duzentos anos após a morte a autora.

Com base em que indícios podemos dizer que a obra de Austen é feminista?

ANÁLISES:

Análises iniciais nos permitem observar que, embora as obras estudadas apresentem críticas à sociedade machista e patriarcal do século XIX, bem como ao modelo de perfeição feminina imposto, é a leitura contemporânea que coloca a obra de Austen na posição de discurso feminista, tornando-a objeto de constantes estudos, não necessariamente acadêmicos.



BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

BEAUVOIR, Simone de. Segundo sexo. São Paulo: Difel, 1955.

BRAIT, Beth. Estudos linguísticos e estudos literários: fronteiras na teoria e na vida. In FREITAS; CASTRO (ors.). Língua e Literatura – ensino e pesquisa. São Paulo: Contexto, 2003.

FARIA, Nalu & NOBRE, Miriam. Gênero e desigualdade. São Paulo : Sempreviva Organização Feminista, 1997.

GOTLIB, Nádia Batella, org. A mulher na literatura. Belo Horizonte: Imprensa da UFMG, 1990

MAINGUENEAU, Dominique. Discurso literário. São Paulo: Contexto, 2006, 325 p.

